

Na Bahia, a arte da língua de Angola. Comunidades linguísticas no mundo atlântico

IVANA STOLZE LIMA¹

Tem os verbos desta lingua geralmente tres preteritos perfeitos; o 1. significa ha pouco tempo; o 2. que ha mais tempo; o 3 que ha muito tempo. Porém tem-se por experiencia que algũas vezes usãõ hum por outro; deve ser pela variedade das terras, e nações. O primeiro he mais facil, accõmodado para os principiantes. Este se compoem, acrescentandolhe a letra A, collocada entre a particula pessoal, e o verbo. v. g. Niguizola, eu amo. Ngazõla, eu ameí, iiazola, tu amaste, etc. (Pedro Dias. Arte da lingua de Angola. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1697, p. 24)

Introdução

Elaborada em Salvador, Bahia, mas tratando de uma língua originária de Angola, a gramática escrita por Pedro Dias, publicada em Lisboa em 1697, é um interessante e pouco conhecido documento da história do Brasil. Trata-se de um raro e quase único registro sobre a circulação do quimbundo no mundo atlântico e seus arredores. Recentemente foi objeto de uma edição fac-similar pela Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Se tem sido investigado pela linguística, que o aponta como a primeira gramática já elaborada sobre o quimbundo, acredito que a história social tem também bastante a considerar sobre essa obra².

O quimbundo é uma das línguas africanas mais visíveis da história do Brasil e alguns clássicos afirmam que foi usado como língua geral (MENDONÇA, 1935; RODRIGUES, 1977; RODRIGUES, 1983), o que é plenamente coerente com as concentrações e fluxos de africanos, para diferentes regiões, em todas as épocas, que poderiam falá-lo seja como língua vernacular, ou materna, seja como língua veicular³. Considerar o quimbundo como língua geral é também coerente com todo o sistema de trocas de mercadorias, pessoas, informações no quadro do que Luiz Felipe Alencastro bem conceituou como o Atlântico Sul. Quantas

¹ Fundação Casa de Rui Barbosa e PUC-Rio. Doutora em História. Bolsista de Produtividade do CNPq.

² Nesse artigo não houve espaço para tratar das análises linguísticas sobre a obra, mas algumas referências foram apontadas na bibliografia.

³ Língua vernacular é língua materna, falada sobretudo em situação de comunicação espontânea; língua veicular é língua amplamente utilizada, que não é a língua materna. (CALVET, 2002, 170). A expressão língua geral é usada para línguas de contato intercultural, de colonização. Uma política de língua geral – a escolha de uma língua indígena como língua de contato colonial foi uma tendência das colonizações portuguesa e hispânica (BARROS, 2003).

2

viagens houve ao longo de séculos, e especialmente a partir do século XVII, conectando pessoas que falavam quimbundo, indo e vindo de Luanda?

O objetivo desse artigo é entender melhor a trajetória de Pedro Dias, o autor dessa gramática. Ele nasceu na Vila de Gouveia, Portugal, em 1622, e chegou menino ao Brasil. Ingressou no Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro em 1641. Seguindo sua trajetória na Companhia de Jesus, ele foi superior da casa de Porto Seguro, reitor do Colégio de Santos e do Real Colégio de Olinda. Atuou também como procurador dos engenhos. A principal obra de referência sobre Pedro Dias é a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Serafim Leite⁴. Esse autor salienta a estreita atuação de Dias junto aos escravos:

Assinalou-se como homem de extremosa caridade para com os pobres e pretos da África, a cujo serviço colocou os seus conhecimentos médicos e os curava pelas próprias mãos e com remédios por ele mesmo manipulados. Levado por este amor aos escravos, e para mais facilmente os tratar, aprendeu a língua de Angola (não se diz quando: já a sabia em 1663) e escreveu a Gramática da mesma língua para que outros a aprendessem. Quando faleceu na Baía, a 25 de janeiro de 1700, os negros correram em multidão à Igreja do Colégio e teve o que hoje talvez diríamos funerais nacionais, pedindo a honra de o conduzir à Sepultura o Governador Geral do Brasil, D. João de Lencastro, seu filho D. Rodrigo de Lencastro e outros grandes da terra. (LEITE, 1949, VIII, 199-200)

⁴ Nessa apresentação para o XXIII Simpósio Nacional da Anpuh, iremos nos concentrar na leitura crítica e sistemática da obra de Serafim Leite, que se compõe de 10 volumes, publicados em Lisboa e no Rio de Janeiro entre 1938 e 1950. Trata-se de uma perspectiva muito comprometida com a história institucional, com silenciamentos importantes e visíveis ao se considerar grandes conflitos que atravessam a participação da ordem entre os séculos XVI e XVIII no processo de colonização portuguesa do Brasil. Com esses cuidados, trata-se de explorar, em Leite, a extensa pesquisa arquivística e bibliográfica empreendida. Duas outras biografias, também referidas por Leite, foram consultadas: Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa, Inácio Rodrigues, 1752, Tomo III, p. 575; Backer, Augustin e Backer, Alois. *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*. Liège, Grandmont-Donders, 1886, Quatrième Série, p. 177. Há algumas divergências de datas nas informações apresentadas por Serafim Leite, Barbosa Machado e Sommervogel. Segundo Barbosa Machado, Pedro Dias nasceu em 1621 ingressou no Colégio da Bahia, em 1641, e aí fez a profissão do quarto voto em 1660. Sommervogel o segue. Serafim Leite faz extensa pesquisa nos arquivos jesuíticos, e refere documentos específicos para os dados sobre o colégio do Rio de Janeiro. Além das várias referências a Pedro Dias na obra citada, Leite escreveu também um artigo dedicado ao autor: LEITE, Serafim. Padre Pedro Dias, Autor da "Arte da Língua de Angola", apóstolo dos negros no Brasil. (Nota bibliográfica). *Portugal em África* vol. IV (1947): p. 9-11. Outro artigo seu será também referido: LEITE, Serafim. Jesuítas do Brasil, naturais de Angola. *Brotéria*, vol. 31, 1940, 254-261.

3

Em 1725, seu nome foi incluído no Menológico de Portugal, como um "S. Pedro Claver do Brasil" (1580-1654), missionário jesuíta que atuou em Cartagena, muito dedicado à catequese dos africanos. Vale a pena conhecer um pouco sobre Pedro Dias e a *Arte da Língua de Angola* como produto desse contexto em que representantes daqueles grandes especialistas em conhecimento linguístico, os jesuítas, conviveram com uma enorme população falante de quimbundo e outras línguas africanas nas ruas e engenhos não só da Bahia, mas também do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Com isso podemos sugerir que foi com esse ouvido atento e treinado, aprendendo o quimbundo com as amas e escravos doentes de que cuidava, que Pedro Dias elaborou sua *Arte*.

Como jesuíta, porém, ele não estava sozinho, e contou com uma rede institucionalizada para essa elaboração. Na carta ao padre geral da ordem, Tirso Gonzales, solicitando a licença de impressão, Pedro Dias preocupa-se em assentar sua obra sobre autoridades, dizendo tê-la composto segundo as regras da "Gramática"⁵ e que foi revista e aprovada pelo padre, também jesuíta, Miguel Cardoso, natural de Angola. Nessa mesma carta, Pedro Dias mencionou que estaria elaborando um Vocabulário Português-Angolano, e que depois se dedicaria a um Vocabulário Angolano-Português, sobre os quais, entretanto, não há mais notícias. E, nas palavras com que Serafim Leite resume essa carta, afirma a sua serventia: "Estão à espera dela muitos novos e até velhos, que trabalham com estes miserabilíssimos e ignorantíssimos homens, e não se acha nenhuma Gramática desta língua, nem no Brasil nem no Reino de Angola" (LEITE, 1947, 11).

Jesuítas, a língua de Angola e a trajetória de Pedro Dias

O padre Miguel Cardoso não foi o único a ter vindo de Angola para auxiliar a tarefa de aprender aquela língua africana. O feito de Pedro Dias coroa uma preocupação manifestada anteriormente. Se o esforço jesuítico com o tupi já é amplamente conhecido, o esforço em dominar o que denominavam a "língua de Angola" faz-se também muito presente nas primeiras décadas da escravidão africana no Brasil. Afinal, a política jesuítica em relação aos

⁵ A "Gramática" aqui, sem adjetivo, sugere que há uma gramática que serviria para todas as línguas. Buescu (1983) avalia a busca da gramática universal como uma das grandes aventuras mentais do renascimento e dos descobrimentos. Segundo essa autora, a busca do universal comportava o acidental, as variações, o novo, e a atenção ao particular.

4

índigenas pode ser articulada à sua atuação quanto à escravidão e ao tráfico de africanos. De certa forma, a defesa da liberdade dos índios – liberdade condicionada a uma série de projetos ali implicados – complementava a defesa tanto da escravidão como do tráfico de africanos. O estudo da língua atualmente denominada quimbundo, já era estimulado em 1583: o visitador jesuíta Cristóvão Gouveia pensou em enviar a Angola dois irmãos para aprenderem a mesma. Em 1584, em Pernambuco, em episódio relatado por Fernão Cardim, havia um irmão de 14 anos que fez uma oração na "língua de Angola" causando grande devoção. Havia uma recomendação do padre geral da Companhia, em 1588, para que se aprendesse não só o tupi, mas também "a língua de Angola". Dois missionários foram enviados do Brasil a Angola, Antonio de Matos e Mateus Tavares. O provincial Inácio Tolosa propunha explicitamente: "era necessário que Angola ficasse missão do Brasil, para virem de lá Padres línguas, aptos a tratarem com os negros" (LEITE, 1938, II, 353; SANTOS, 2008, 145). Um pouco mais tarde, em 1596, o provincial Pero Rodrigues, que foi também visitador em Angola, reforça a idéia de que os estudos da língua indígena no Brasil deveriam servir de exemplo para as missões em Angola (LEITE, 1938, II, 564-565). Claro que a relação com as línguas indígenas seria muito mais decisiva para colonização e presença jesuítica no Brasil. Mas o cuidado com a língua de Angola – e não qualquer língua africana – sem dúvida revelava o peso estratégico da opção jesuítica acerca de temas como catequese, expansão da obra cristã, trabalho indígena e trabalho africano.

O fato de um gramática do quimbundo ter sido elaborada no Brasil está conectado às várias redes que atravessavam o império luso, às várias combinações de carreiras entre Portugal, Angola, Brasil, bem detalhadas no trabalho de L. F. Alencastro. O século XVII é pontuado por guerras, que envolvem a ocupação holandesa de Luanda e sua reconquista de pelas tropas brásílicas. Alencastro apresenta elementos e referências que permitem situar as distintas posições dos jesuítas nos dois lados do Atlântico. Aproximadamente na mesma época que chegaram ao Brasil (1549), os jesuítas começaram a atuar no Congo (1548) e em Angola (1560). Não por acaso, o criador da missão jesuíta em Luanda foi um dos mais ardentes defensores da escravidão de africanos, Baltazar Barreira (SANTOS, 2008). Em Angola, suas articulações políticas com as chefias locais, permitiram que se envolvessem diretamente com o tráfico de escravos, e tivessem posições privilegiadas para enviar africanos para suas propriedades no Brasil, presentes portanto nos dois lados do Atlântico Sul. Diante

5

das enormes dificuldades enfrentadas em Angola, como as condições ambientais, as resistências nativas, as guerras, a evangelização do lado de cá do Atlântico seria ainda mais proveitosa, cabendo aos padres "retirar os africanos da África" para sua salvação. Nesse contexto, se entende a célebre defesa de Antonio Vieira que vê na transmigração para o Brasil o grande milagre da virgem do Rosário: a escravidão do corpo garantiria a liberdade da alma (ALENCASTRO, 2000, 169-183).

No caso da política em relação aos indígenas, desde o início da colonização portuguesa no Brasil há grande controvérsia sobre as diferentes formas de tratamento jurídico e possibilidade de utilização do seu trabalho. Toda a consideração dos jesuítas quanto à mão-de-obra africana, e conseqüentemente sobre a catequese, ocorreu num contexto de conflitos violentos com os colonos em relação ao trabalho e estatuto do indígena (MONTEIRO, 1994; FERNANDES, 2003).

A segunda metade do século XVII foi marcada pelo expansionismo luso na África Central, garantido pela reconquista de Luanda aos holandeses em 1648, com atuação decisiva organizada por Salvador Correia de Sá no Rio de Janeiro. Os jesuítas do Brasil foram também importantes atores dessa reconquista, oferecendo uma explicação milagrosa, como a de Simão de Vasconcelos, segundo a qual a reconquista era uma profecia divina. Três padres acompanharam a expedição de Salvador de Sá: Antonio do Couto, Gonçalo João e Felipe Franco, que se refugiara no Rio e fora reitor do colégio de Luanda. Em Luanda, ele consegue reassumir suas funções no colégio. Mais tarde, retorna ao Brasil, e foi administrador do engenho de Santana, de propriedade dos jesuítas, em Ilhéus (ALENCASTRO, 2000, 269-270).

Tratava-se porém de um expansionismo limitado, que conseguisse atender ao comércio e não uma proposta de colonização. A expansão da população de origem portuguesa no Brasil contrasta com o declínio ou estagnação em Angola. Em 1700, seriam 100 mil habitantes de origem portuguesa no Brasil. Em Angola, nas últimas décadas do século XVII, seriam entre 3 e 5 mil portugueses e brasílicos, mais da metade concentrados em Luanda (ALENCASTRO, 2000, 343-342). Com esses dados, pode-se entender que a situação dos colégios jesuítas no Brasil permitiriam condições relativamente mais adequadas para o empreendimento da elaboração da gramática do quimbundo do que no próprio território de origem da língua.

6

Os jesuítas mantinham um sistema de comunicação e registro, através de troca de cartas, e leituras públicas das mesmas nos colégios. Tiveram uma atuação especial no processo importantíssimo, que acompanha e fortalece a constituição dos impérios modernos, em diferentes facetas e ramificações da cultura escrita. A expansão da cultura letrada fez parte de um esforço concentrado, no qual a escrita acompanha a administração e o conhecimento dos novos territórios e gentes. As atuações de intérpretes e mediadores linguísticos da administração colonial em diferentes áreas foram igualmente decisivas (CURTO, 2009; ALGRANTI e MEGIANI, 2009).

Quanto ao interesse específico dos jesuítas em torno das línguas, a Companhia de Jesus defendia que a doutrinação deveria anteceder o batismo. Além disso, a confissão na língua do nativo e sem o intermédio do intérprete foi também visada⁶. O regulamento estabelecido pelo visitador Cristovão Gouveia, em 1586, determinava que:

*Por serem as missões muito necessárias nesta terra e principal fim das fundações dos Colégios, haverá sempre em cada colégio, pelo menos um padre de muita confiança, deputado pelo padre provincial, ao qual se dará um bom companheiro, para que visite os engenhos e mais fazendas, ao menos uma vez no ano, ainda que não sejam chamados; e será bom que ambos, quanto for possível, sejam **Padres línguas**, e um deles pregador. E entendam que principalmente são enviados para ajuda das necessidades dos índios e negros de Guiné.” (LEITE, 1938, II, 306)*

Dessa forma, alguns jesuítas, no Brasil, se dedicaram à comunicação com escravos africanos. Vanicléia Santos analisa essa preocupação não só entre os missionários, mas também entre autoridades ultramarinas que reforçam a necessidade de intérpretes (SANTOS, 2008, 157). Nas palavras de Serafim Leite, os jesuítas "durante mais de século e meio aprenderam a língua de Angola, "em meninos, com os escravos negros das casas em que se criavam" (LEITE, 1940, 254). Elenca vários nomes: Domingos Nunes, Ir. (que entra na Companhia de Jesus em 1585), Padre Pedro da Mota (em 1614), da Bahia, "língua da terra e de Angola", Mateus de Aguiar (1621), confessor na língua da terra e de Angola, Francisco Álvares (1625). Menciona ainda Tomás de Sousa, de Pernambuco, "Apóstolo e Pai dos Negros", incluído no Menolégio de Portugal e um Antonio Cardoso, "o mais velho", natural

⁶ Houve polêmicas sobre o uso dos intérprete na confissão. Serafim Leite, cita o Bispo D. Pedro Sardinha apontando a honestidade e proficiência necessárias ao intérprete: "E quando tal confissão por alguma via se houvesse de fazer. Seguindo-se dela algum grandíssimo proveito, havia de ser por intérprete prudente *et per virum honestum et probatum* e não por um menino dos da terra, mamaluco de dez anos (...)"(Leite, HCL, 1938, II 283-284)

7

de Braga (distinguindo-se de outro Antonio Cardoso que nasceu em Luanda), que morou em Pernambuco, e que sabia a língua de Angola (LEITE, 1949, VIII, 275). Esses que aprenderam "de modo empírico", seriam aqueles "novos e até velhos que trabalham com estes miserabilíssimos e ignorantíssimos homens " que estariam à espera da gramática de Pedro Dias, para que pudessem aprender usando esse *instrumento linguístico* (NUNES, 2006).

A possibilidade de aprender a língua de Angola "em meninos", "com as amas negras", que vale a pena destacar aqui na experiência desses jesuítas, se somou a ações mais específicas da relação entre os jesuítas de Brasil, Portugal e Angola. Serafim Leite apresenta informações sobre nove jesuítas oriundos de Angola (LEITE, 1940⁷, alguns especificamente de Luanda. Constituem, assim como Pedro Dias, peças que indicam o contexto do contato e domínio a ser travado com o quimbundo.

Sobre a trajetória de Pedro Dias, Leite lhe atribui títulos interessantes: ora "Apóstolo dos negros" (LEITE, VIII, 199-200), ora "Apóstolo dos engenhos e dos pretos" (LEITE, 1945, V, 429). Como vimos, Pedro Dias ingressou no colégio do Rio de Janeiro em 1641 e deve ter aí concluído sua formação em Filosofia e Teologia. O curso de Artes ou Filosofia no colégio do Rio de Janeiro começou em 1638 e em 1649 tinha 21 alunos, e com a reforma do colégio da Bahia, passa a absorver todos os jesuítas do Brasil, com exames para o grau de bacharel e de mestre (LEITE, 1945, IV, 4). O curso de Teologia, o mais alto grau dos estudos, também existia ali, como na Bahia. Pedro Dias fez a profissão solene dos 3 votos e depois a dos 4 votos também no Rio de Janeiro, em 1660 e 1679. Dentre os reitores com os quais Pedro Dias conviveu, conta-se Simão de Vasconcelos (em 1646 e depois em 1670), autor da *Crônica da Companhia de Jesus*. Um missionário nascido na Bahia, Mateus de Aguiar (1575-1656), que sabia tanto a língua da terra como a de Angola, faleceu no Rio de Janeiro e portanto pode ter tido contato com Pedro Dias também a essa altura (LEITE, 1949, VIII, 4). O Colégio ficava no morro do Castelo e suas edificações estavam em expansão no final do século XVII.

Vale a pena observar que na síntese biográfica sobre Pedro Dias, Serafim Leite faz a seguinte observação: "aprendeu a língua de Angola (não se diz quando, mas já a sabia em 1663)" (LEITE, 1949, VIII, 199), data que coincide com essa trajetória no Rio de Janeiro e sua ida a Porto Seguro tratada abaixo. Bonvini sugere que a possibilidade de Pedro Dias ter

⁷ Tais informações estão disponíveis em diferentes passagens da História da Companhia de Jesus e em um artigo especialmente dedicado aos mesmos: Leite, Serafim, Jesuítas do Brasil, naturais de Angola. *Brotéria*. Vol. 31, 1940.

8

aprendido o quimbundo no Rio, conseqüentemente seu uso em diferentes regiões da colônia, dá uma dimensão importante e decisiva, e são dados que

(...) permitem induzir que o quimbundo era utilizado pelos jesuítas em outros lugares do Brasil e que o critério do conhecimento ou da prática dessa língua condicionava a designação do pessoal, testemunhando assim, desde essa época, o verdadeiro estabelecimento de uma política lingüística em grande escala. (BONVINI, 2008, 36)

Leite afirma que Dias teria chegado ainda menino ao Brasil, mas não indica nenhuma data. O ano em que ingressa no colégio, em 1641, é mais um momento de um contexto de conflitos intensos em torno da legalidade da escravidão indígena. Vários colégios jesuítas sofreram ataques.

No Real Colégio das Artes do Rio de Janeiro, havia em 1689, como nota o provincial Diogo Machado, um perito na língua de Angola, chamado João Araújo.

Tem mais este Colégio do Rio de Janeiro um Sacerdote perito na língua de Angola, o qual tem a seu cargo os negros do gentio da Guiné, ensinando-lhes a doutrina cristã, confessando-os e batizando-os alguns depois de catequizados, quando chegam de suas terras, com grande zelo e caridade. E durante o ano faz missões pelas Fazendas dos seculares, confessando os escravos que nelas residem, e ensinando-lhes a doutrina cristã, de que têm grande necessidade. E disto se edifica muito o povo, como a mim o significaram várias ocasiões, agradecendo muito o zelo com que a Companhia mandava assistir àqueles pobres negros⁸.

João de Araújo participou de uma missão pelas fazendas do Rio de Janeiro junto a Jorge Benci, em 1683 (LEITE, 1940, 254). Dois dos jesuítas oriundos de Angola serão, anos depois, reitores do Colégio do Rio de Janeiro: Miguel Cardoso, em 1716 e Antonio Cardoso em 1727 e depois em 1746. Além desses, no Rio, percorrendo os engenhos em "excursões apostólicas" e depois fixando-se na Fazenda de Santa Cruz, propriedade jesuíta com grande concentração escrava, atuou ainda Francisco da Vide, também de Luanda. Mais um nome de jesuíta português engrossa esse caldo: Paulo de Carvalhosa "residia no Rio de Janeiro em 1704 e sabia a língua de Angola". (LEITE, 1949, VII, 270)

Mas Pedro Dias, como era comum, percorreu vários estabelecimentos jesuítas no Brasil. Esteve em Porto Seguro, como reitor, entre 1662 e 1667 (LEITE, 1945, V, 239). Essa

⁸ Carta do P. Diogo Machado, da Baía, 15 de Julho de 1689, *Bras.* 3, 271. Citado por Serafim Leite, 1945, VI, 107.

9

era uma região de conflitos com os aimorés, portanto área delicada para a atuação jesuítica. Já havia passado pelo colégio um padre angolano, Francisco Banha, em 1646 (LEITE, 1949, VII, 270). Pouco após Porto Seguro, foi reitor do Colégio do Espírito Santo, na vila de Vitória, de 1670, até provavelmente 1674⁹. Por esse colégio já fora reitor em 1657 Luiz de Siqueira, natural de Luanda, que foi também reitor de Olinda, em 1669 e 1670. Ali, como em outras partes, os jesuítas possuíam fazendas e engenhos. Não há dados mais específicos sobre a atuação de Pedro Dias nessas duas localidades¹⁰.

Pedro Dias foi reitor do Real Colégio de Olinda de 1683 a 1690 (LEITE, 1945, V, 429)¹¹ e nesse caso há informações mais consistentes. O colégio havia sido destruído pelos holandeses, e foi reconstruído entre 1660 e 1666; ali passaram nomes importantes, como Vieira e Antonil. O jesuíta angolano Luiz de Siqueira, já havia sido reitor, em 1669 e 1670 (LEITE, 1945, V, 429 e 1949, VII, 270). O mesmo Antonio Cardoso natural de Braga, citado acima, outro dos peritos na língua de Angola, foi também reitor do colégio de Olinda imediatamente antes de Pedro Dias, em 1683 (LEITE, 1945, V, 528). Nesse colégio, em 1684, faleceu Antonio de Passos, natural de Angola, dedicado ao ensino dos negros e que entrou na Companhia na Bahia, em 1652 (LEITE, 1940, 255).

O envolvimento dos jesuítas com atividades produtivas, a princípio feitas para o sustento das atividades dos padres incluiu a produção açucareira. Em Olinda, no engenho Monjope, em 1692 trabalhavam 100 "servos", e havia ainda, entre outros, os engenhos de Cotunguba e Caraúba. Rendiam 600 escudos para o colégio de Olinda, cerca de 25% dos seus rendimentos, incluindo aí a dotação real de 800 escudos (LEITE, 1945, V, 423-425). O Colégio de Recife foi inaugurado em 1678, e também possuía engenhos. Como visto acima,

⁹ Como o próprio Serafim Leite indica, os dados que ele coligiu vêm de fontes variadas, e ele optou por não indicar os anos iniciais e finais dos reitorados. Por isso, indico o intervalo de datas como provável, tomando como base o reitor seguinte indicado por Leite.

¹⁰ Na lista de cartas de autoria de Pedro Dias, cinco são localizadas em Olinda, e uma, da Bahia e portanto nenhuma de Porto Seguro, Espírito Santo ou Santos. Algo curioso é que Serafim Leite não inclui essa passagem pelo Espírito Santo nas diferentes passagens de sua obra em que elabora pequenos resumos biográficos sobre Pedro Dias, a informação aparece apenas no capítulo específico sobre esse colégio. Por outro lado, Serafim Leite afirma que Pedro Dias foi reitor no Colégio de Santos, no entanto não menciona as datas, e no capítulo em que trata desse colégio, o nome de Pedro Dias não aparece na lista de reitores. Pode ser que haja algum equívoco e que ele tenha sido reitor não do colégio de Santos, mas do Espírito Santo. Em Barbosa Machado e Sommervogel há referências apenas ao reitorado em Olinda. Em Alencastro, vemos que a refundação do colégio de Santos, por Salvador de Sá, representava a vitória dos jesuítas e dos negreiros fluminenses sobre os bugreiros paulistas (Alencastro, 2000, 269).

¹¹ Ver nota 8.

10

Serafim Leite afirma que Pedro Dias era "procurador dos engenhos", e faz disso um título "Apóstolo dos engenhos e dos pretos". Isso nos leva a pensar que Pedro Dias pode ter ele mesmo administrado os engenhos que pertenciam aos jesuítas, envolvido diretamente com a produção açucareira e com o trabalho africano, o que se somaria à sua atuação nas missões que visitavam engenhos particulares.

Há um relato do próprio punho de Pedro Dias sobre as missões nas vilas, fazendas e engenhos, em uma longa carta de 1689, parcialmente transcrita por Serafim Leite em diferentes passagens da obra. Esse relato ganha importância, na medida em que seria um dos poucos registros acessíveis a textos do padre.

Logo que vim para este Colégio, tendo informação que havia falta da doutrina fora desta Cidade de Pernambuco, tratei de mandar sujeitos em missões breves, que os missionários obraram com grande crédito da Companhia e proveito espiritual dos próximos. (...) Primeiramente foram 2 religiosos para a parte que chamam Cabo de Santo Agostinho, pregando e fazendo doutrinas pelas capelas dos engenhos, mediante as quais se apartaram muitas almas do estado da perdição, em que estavam havia muitos anos, e se tiraram muitos erros e abusos, principalmente nos escravos angolanos, em que predominava, em alguns, tanto a ignorância que quase não tinham mais que o nome de cristãos.

Os religiosos fizeram tantas confissões e comunhões que foram chamados a terras mais distantes e interiores, que, "apartadas do comércio das povoações marítimas", dominaria ainda mais a "a ignorância não só nos etíopes, mas ainda nos moradores portugueses". Na mesma carta, citada em outra passagem por Leite, Pedro Dias se refere à "peste da bicha" que assolou a região em 1685, quando teria atuado no tratamento de doentes. E se refere também à importante "guerra dos bárbaros", na aldeia de S. Miguel de Guajuru, onde Antonio Cardoso também esteve (LEITE, 1945, V, 528).

Cheguemos afinal à Bahia, local em que Pedro Dias faleceu em 1700 recebendo honras das autoridades e presença dos escravos em seu funeral. Não há informações mais específicas sobre sua atuação nessa cidade, além da carta de 1694, dali localizada, com a qual envia o manuscrito da gramática para o padre geral da ordem em Lisboa. A essa altura ele teria já 72 anos.

O Real Colégio das Artes da Bahia é tido como a mais importante escola do Brasil colonial, com estudos superiores e inferiores, além de curso de primeiras letras, biblioteca

11

com 3.000 livros em 1694 e um hábil livreiro (foi a base da Biblioteca Pública da Bahia fundada em 1811), assistência médica e farmácia que atendia à população, casa de hóspedes que atendia a jesuítas em trânsito entre diferentes partes do mundo luso-brasileiro – Índia, China, África A Igreja do Colégio passou por importante reforma concluída em 1672 (LEITE, 1945, V, 89-100). Tudo isso faz dali um local importante de troca de experiências e informações. Como em outras regiões, também na Bahia os jesuítas possuem engenhos de produção de açúcar e outras propriedades.

Além de ter encontrado jesuítas que nascidos no Brasil, aprenderam o quimbundo, bem como aqueles que eram oriundos de Angola, além de ter convivido com escravos nas várias regiões que percorreu, o colégio da Bahia pode ter sido o local em que Pedro Dias conviveu com mais proximidade com Miguel Cardoso, mencionado por Dias na carta com na qual apresenta sua gramática ao padre geral, intitulado "Catequista dos Negros e Administrador", e que: "Por saber admiravelmente a língua de Angola, tinha a seu cuidado os escravos negros e visitava os engenhos e navios ao chegarem de África ao mesmo tempo era procurador das Missões." (LEITE, 1945, VI, 124-125).

Miguel Cardoso seria assim uma autoridade na composição da obra. Nasceu em Luanda, em 1659, e entrou no Colégio da Bahia em 1674. O nome de seus pais não é citado, nem há referências sobre se seria filho de portugueses ou mestiço. Pedro Dias, mais velho e Miguel Cardoso compartilhavam portanto o cuidado com os engenhos e missões. Seria bem mais do que um "informante", uma vez que ele próprio era jesuíta e formado em Letras, Filosofia e Teologia. Pouco depois, foi reitor do colégio de Recife em 1702 e mais tarde do colégio do Rio de Janeiro, em 1716. Não sabemos por quanto tempo ficou na Bahia, mas pelas datas que Serafim Leite apresenta, ele pode ter ficado por lá da sua chegada, jovem, até depois da morte de Pedro Dias. Seguiu carreira importante, foi procurador em Roma e depois ficou 10 anos em Lisboa, como procurador do Brasil. Voltando ao Rio de Janeiro, foi mais uma vez reitor do colégio e depois acede ao cargo máximo de provincial, de 1719 até seu falecimento em Santos em 1721.

As licenças de impressão trazem nomes de padres angolanos estabelecidos na Bahia. De Antonio Cardoso, e Francisco de Lima, já mencionado acima. A primeira é datada do colégio da Bahia, de 1696, e diz:

por ordem do Padre Alexandre de Gusmão (...) revi este livrinho (...) e não achei em todo ele cousa que encontre a nossa Santa fé ou bons costumes; antes tem regras muito próprias e conformes ao idioma da dita língua, que serão sem dúvida de grande utilidade para os principiantes, e por isso digno de se imprimir (DIAS, 1697, vi)

Conclusão

Essa apresentação resulta do projeto de pesquisa *Africanos, descendentes e comunidades linguísticas no Brasil e no mundo atlântico*. Uma vez consolidada a pesquisa sobre a relação de africanos e descendentes com a história da língua nacional no Brasil (LIMA, 2007, 2009 e 2012), atualmente a investigação procura complementar a análise a partir da circulação e uso de línguas africanas, entendendo o Rio de Janeiro e outras regiões do Brasil como parte do mundo atlântico. A formação de vínculos comunitários e o estabelecimento de relações sociais entre escravos, africanos ou crioulos, e demais grupos sociais, dependeu de um repertório linguístico variado, embora não homogêneo, na medida em que as diferentes línguas disponíveis possuíam status diferenciados. Em síntese, trata-se de avançar hipótese anterior, ampliada pelo desenvolvimento da pesquisa, qual seja, o de que africanos e descendentes não só transitaram na língua portuguesa, mas criaram formas de comunicação em que as línguas africanas estiveram também presentes.

O conjunto de questões com que temos trabalhado pode ser sintetizado a partir de uma dupla constatação sobre a primeira metade do século XIX (que constitui nosso ponto de partida). Por um lado, este foi um momento chave na expansão e naturalização da língua portuguesa no Brasil — pensemos na rápida difusão da imprensa, na criação das escolas de instrução primária, na expansão da cultura escrita (cuja importância ainda está por ser devidamente redimensionada) na dimensão administrativa envolvida na construção do Estado nacional, e afinal em toda a mobilização simbólica dos novos sentidos do ser brasileiro que se manifestou em diferentes campos da vida social e política (LIMA, 2008). Por outro lado, esse foi um momento chave do tráfico, com a entrada de quase dois milhões de africanos, falantes de quimbundo, quicongo, iorubá, fon, haussá, macua e centenas de línguas. Minha intenção tem sido procurar formas de reflexão e entendimento da articulação dessas duas forças. Até o momento, mantive como foco o Rio de Janeiro, capital do Império, maior cidade escravista das Américas, e palco privilegiado dessas duas correntes. O foco em um determinado espaço

13

e contexto histórico tem sido fundamental para evitar generalizações e estereótipos. No entanto, mantendo o cuidado com as especificidades, e inclusive contribuindo para melhor entendê-las, faz-se agora necessário um exame mais cuidadoso de outras situações, como a investigação sobre a história social do quimbundo aqui empreendida. Essas novas frentes de pesquisa ajudarão a redimensionar o uso das línguas africanas no Rio de Janeiro do século XIX, bem como sua circulação no mundo atlântico.

Constitui um lugar comum na memória social e na historiografia apontar a diversidade de línguas faladas pelos africanos trazidos para o Brasil como um empecilho para sua comunicação. José Honório Rodrigues, por exemplo, aponta uma política colonial que estimularia a diversidade de línguas, embora não apresente referências mais específicas para o que afirma, e nem questione a eficácia dessa política: “Foi política colonial portuguesa variar o mais que pudesse a composição da gente africana que trazia para o Brasil. Assim evitavam sua unidade, pela diversidade de língua e os mantinham submissos” (RODRIGUES, 1983, 29). Antonio Houaiss, apesar de atentar para as formas de comunicação travadas pelos africanos, para a convivência de códigos e para as línguas gerais, também reproduz o tópos da separação, afirmando que a “mistura de línguas africanas, que as enfraquecia relativamente, começava nos portos e postos negreiros da África”. E continua: “O fato é que aqui chegados, eram separados, de modo que não ficassem juntos nem por línguas, nem por etnias, nem mesmo por famílias, a fim de serem quebrados nos seus eventuais ímpetos de rebeldia.” (HOUAISS, 1985, 71-72) Houaiss também não apresenta uma referência específica para essa afirmação. Se esse lugar comum tem sido questionado pela historiografia sobre escravidão no Brasil, ele ainda precisa ser questionado.

Recuperar a trajetória de Pedro Dias, dos jesuítas portugueses ou brasílicos que aprenderam a língua de Angola nos colégios, vilas e cidades do Brasil, dos angolanos que ingressaram e se tornaram jesuítas nos colégios da Bahia e do Rio, ajudando a codificar o quimbundo numa gramática escrita e criando um instrumento linguístico básico para seu projeto colonizador, consistiu numa etapa da pesquisa, necessária para entender a obra. O interesse maior do projeto, porém, não é exatamente a *Arte da Língua de Angola* mas o que ela revela. Se os jesuítas, enquanto colonizadores por excelência, estiveram interessados na comunicação *com* os africanos, o interesse da história social pode ir além, e tomar essa empreitada como prova da comunicação *entre* africanos. Nesse momento, vale lembrar da

14

experiência – absolutamente silenciada por Serafim Leite – do quilombo de Palmares, cuja história era tanto simultânea como próxima das situações consideradas nesse artigo. Se a comunicação *com* africanos foi importante, é porque a comunicação *entre* africanos se impôs.

Referências Bibliográficas

Edições da Arte da Língua de Angola:

DIAS, Pedro. *Arte da Língua de Angola oferecida a virgem senhora N. Do Rosario, mãy, & senhora dos mesmos Pretos, Pelo P. Pedro Dias, da Companhia de Jesu.* Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Anno 1697 (disponível em archive.org)

Idem. *Arte da Língua de Angola.* Ed. Facsmilar. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

Idem. *Arte da Língua de Angola.* Edição de José Barbosa Machado. Edições Versial, s.d. Edição transcrita disponível mediante pagamento em www.wook.pt.

ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos.* Rio de Janeiro, Faperj, 7 Letras, 2013.

Demais referências:

ALENCASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul.* São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ALGRANTI, Leila e MEGIANI, Ana Paula (org). *O Império por escrito. Formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico.* São Paulo, Alameda Editorial, 2009

ANGENOT, Jean-Pierre, KEMPF, Catherine Barbara, e KUKANDA, Vatomene. *Arte da língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da dialetologia Kimbundu.* *Papia* 21 2 (2011): 231-252

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização.* Campinas: Unicamp, 2009.

- BARROS, Maria Candida D. M. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In BESSA-FREIRE, José Ribamar, e ROSA, Maria Carlota. *Línguas gerais. Política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003
- BATISTA, Ronaldo. "A língua de preto e os métodos de descrição na Arte da Língua de Angola, de 1697." *Revista Estudos Linguísticos* 31 (2002)
- BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, Jose Luis e PETTER, Margarida (org). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002
- CURTO, Diogo Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais (século XV a XVIII)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- FERREIRA, Roquinaldo. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World*. Cambridge, Cambridge University Press, 2012.
- FERNANDES, Eunícia. B. O movimento do aldeamento jesuítico de São Barnabé - jogo entre culturas. *Estudos Ibero-Americanos*, Rio Grande do Sul, v. XXIX, p. 37-51, 2003
- HOUAISS, Antonio. *O Português no Brasil. Pequena enciclopédia de cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Civilização Brasileira, tomo II, 1938.
- Idem. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Instituto Nacional do Livro, tomo III, 1943.
- Idem. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Instituto Nacional do Livro, tomo IV, 1945.
- Idem. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Instituto Nacional do Livro, tomo V, 1945.
- Idem. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Instituto Nacional do Livro, tomo VI, 1945.

16

- Idem. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro. Livraria Portugália/Instituto Nacional do Livro, tomo VIII, 1949.
- Idem. Jesuítas do Brasil, naturais de Angola. *Brotéria*, vol. 31, 1940, 254-261.
- Idem. Padre Pedro Dias, Autor da "Arte da Língua de Angola", apóstolo dos negros no Brasil. (Nota bibliográfica). *Portugal em África* vol. IV (1947): p. 9-11.
- LIMA, Ivana Stolze. Entre a língua nacional e a fala caçanje. Representações sociais sobre a língua no Rio de Janeiro Imperial. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Sales e COSTA, Wilma Peres (org). *De um império a outro. Estudos sobre a formação do Brasil, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2007. 63-99.
- LIMA, Ivana Stolze. A língua nacional no Império do Brasil. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo H. (org). *O Brasil Imperial*. Vol. 2 - 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 467-497.
- LIMA, Ivana Stolze. Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil - uma perspectiva histórica. *Estudos Históricos* 25 50 (2012): 352-369.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil - prefácio de Rodolfo Garcia*. Vol. col. Brasiliana vol. 46. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1935, 2ª ed.
- MONTEIRO, John. *Negros da Terra - índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e História do Século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.
- RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. *Humanidades* vol I, n. 4, julho/setembro de 1983, p.21-41 (1983).
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 5ª ed ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.
- ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos*. Rio de Janeiro, Faperj, 7 Letras, 2013.
- SANTOS, Vanicléia Silva. *As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII*. Tese de doutorado. USP, 2008
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.